

Illustração

PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS

DIRECTOR ARTÍSTICO:
FRANCISCO TELLEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DE SILVA GONÇA

Redacção, Adminis-
tração e Officinas de
Composição e Im-
pressão

Rua Formosa, 43-45507



FAZENDO COMPRAS NA FEIRA

(Cliché RENOLIRE)

Assignatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colónias e Hespanha

Por anno..... 4800 réis
 * semestre..... 2400 "
 * trimestre..... 1200 "

Assignatura conjuncta do «Seculo», «Supplemento Humoristico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa»

Portugal, colónias e Hespanha

Por anno..... 88000 réis
 * semestre..... 48000 "
 * trimestre..... 28000 "
 * mez (em Lisboa)..... 700 "



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente

GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Br.
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem aumento nos preços. Viagens circulares a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Alemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo

Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hotéis.

VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA

FARINHA
LACTEA

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO
para crianças e pessoas
edosas.



CASTANHEIRO

ARMADORES ESTOFADORES

PRAÇA LUÍZ DE CAMÕES 88 - LISBOA

TELEPH. 1346
ENDEREÇO TELEGRAPHICO CASTAL.

CONSTANTINO REI DOS FLORISTAS

Quem
se lem-
bra hoje

do Rei dos Floristas, ainda ha quarenta annos celebre, quasi glorioso, exaltado nas gazetas e cantado pelos vates? Pouca gente.

A fama do nosso compatriota sumiu-se sob a pedra arruinada que cobre o tumulo onde repousa, no cemiterio de Teréis, pequena aldeia do departamento de Landes, nas vizinhanças de S. João da Luz.

Entre as casas somnolentas e hermeticamente fechadas d'essa aldeia, uma ha que, pelo seu aspecto exterior, denuncia um certo conforto interno: é a residencia de madame F.

Toca-se a campainha. Uma criada edosa vem espereitar pelo postigo. Paramenta-se; e depois de tres idas e voltas, a porta abre-se deixando vér um corredor escuro e humido onde fluctuam vagos perfumes de cozinha e de barrella.

Ao fundo, uma velhinha encarquilhada e secca, como um pergaminho historico, apparece muito assaeada e lepida, debaixo da sua touca branca.

Acceita-se a poltrona que ella indica com lindos modos antigos e pergunta-se-lhe o que sabe a respeito de Constantino.

O rosto da nonogenaria illuminar-se-ha logo á lembrança dos tempos em que era nova — quando tinha cincoenta annos — e começará a falar do sr. Constantino, lentamente, levantando os olhos para o tecto, como a consultar as traves guarnecidas de maças de Hespanha, e dando ás suas palavras, constantemente repetidas, um ar de gravidade peruil e sentencioso.

Como as contas d'um rosario, umas atraz das outras desfilam anecdotas sem importancia, historias de soalheiro que maravilharam, em tempo, a boa senhora, e que nenhum factio importante esclarecem.

O que se percebe claramente é que o nosso compatriota Constantino falleceu na propriedade de madame F., chamada Brouchona, onde morava com o

seu intendente (Intendente! nada menos) Isidoro Culot, com o cocheiro Hypolito Agneray, com uma cozinheira e um criado de quarto; e que nos ultimos tempos da sua vida ainda se entretinha a confeccionar flores para as egrejas das terras da redondeza, principalmente para a freguezia de Buglose, patria de S. Vicente de Paula, cujo altar se adorna ainda com ramos saídos das mãos do Rei dos Floristas.

No correr da conversa, ou antes, do monologo da excellente e confusa senhora, comprehende-se, tambem, que Constantino succumbiu aos effeitos de uma molestia ignorada n'aquella epoca, mas que não hesito de classificar — neurasthenia — apesar d'elle mesmo se confessar envenenado pelos productos chimicos que serviam á fabricação das suas incomparaveis flores.

O grande florista, no fim da sua vida, soffria, na verdade, do isolamento proprio áquelles que chegaram a uma idade avançada sem terem constituido familia: o isolamento dos solteirões, o peor de todos.

Tendo passado o melhor da sua existencia na preocupação doentia das minucias, exteriores, nunca pensou em casar-se ou preparar um ideal para a velhice, que, sem isso, é insupportavel.

Amigos não soube criar-os, porque, se elle era bom pa-

ra todos, não o era particularmente para alguém. De maneira que o Rei dos Floristas partiu d'este mundo abandonado, como abandonado foi ao nascer.

Que vida extranha a d'este homem!

Aos cinco annos já sabe o que é ser engeitado, já sabe o que é soffrer.

Aos dez annos... Mas, em vez de contar a veridica historia d'aquelle que durante um quarto de seculo honrou o nome portuguez no estrangeiro, apesar das suas fraquezas, o melhor será, escreveu Eça de Queiroz, lançar sobre a nudez forte da verdade o manto diaphano da phantasia, e repetir simples-



O retrato de Constantino José Marques
(Gravura da Bibliotheca Publica)

mente o que se lê n'um gross. o volume impresso em Paris, em 1854, escripto por um admirador e amigo do Rei dos Floristas, que lhe quiz provar a sua gratidão anonyma com a laboriosa factura d'esse trabalho intitulado *Memoires Historiques, Généalogiques et Chronologiques, concernant les ascendances de Constantino José Marques Monteiro Lopes Banha de Mello Sequeira Sampaio Coutinho Freire Manuel Borges da Costa de Araujo Pereira Bacellar Teixeira Pinto de Magalhães e Lacerda.*

N'esse copioso livro o principal fim é provar as origens fidalgas de Constantino, e para isso conta os seguintes capitulos:

- I—Sciencia do braço.
- II—Lendas sobre os Mellos.
- III—Primeira lenda.
- IV—Segunda lenda.

V—Terceira lenda (Historia).

VI—Monarchia portugueza.

VII—Doze linhas genealogicas da muito poderosa, illustre e distincta familia dos Mellos (De origem real).

VIII—Documentos sobre a casa de Bragança.

IX—Historia da casa de Cadaval.

X—Consanguinidade dos Mellos e dos Assumar.

XI—Condes de S. Lourenço.

XII—Condes de Gelves.

XIII—Mello e Castro.

XIV—O que foi feito de diferentes familias.

XV—Adições.

XVI—Archivos das familias nobres de Portugal.

XVII—Mapa chronologico.

XVIII—Traducções de Caramel.

XIX—Ramos saídos da casa de Portugal e que tem direito á coroa.

XX—Constantino Marques de Sampaio e Mello.

Como de justiça, é n'este ultimo capitulo que o *historiador* narra a vida accidentada do nosso compatriota.

Constantino, diz elle, nasceu na villa de Moncorvo, em 18 de agosto de 1812,

e devido a uma grande epidemia que assolou, n'esse tempo, a terra da sua naturalidade, pouco depois de vir ao mundo ficou orphão de pae e mãe.

Duas tias paternas, de Alfandega da Fê, recolheram-o e deram-o a crear a Thereza Correia, que o guardou até á idade de tres annos.

Mais tarde levaram-o para o convento dos franciscanos, de Moncorvo, os quaes, no intervalo das suas orações, se entreteinhm a martyrisar a pobre creança cujo unico entretenimento era o de contemplar as admiraveis flores do jardim d'esse convento extraordinario povoado de frades tão crueis e tão bucolicos.

Aos 14 annos, para evitar o burel imminente, escapou-se do convento e foi assentar praça em caçadores 5, na cidade de Vizeu.

Como pouco depois o regimento se declarasse constitucional, elle bateu-se heroicamente pela bandeira azul e branca, o que não o impediu de se bater, com a mesma heroicidade, alguns annos mais tarde, no partido contrario, isto é, no batalhão de voluntarios realistas de Villa Flôr.

Em 1832 marchou para o Porto com o posto de sargento.

Em Evora Monte já era porta-bandeira, e Deus sabe onde o levaria a sua bravura se não surgisse a emigração com todos os seus horrores.

Como muitos, embarcou para Genova, e lá, onde o sr. D. Miguel não tinha que vestir, Constantino não tinha que comer, e morreria de fome se as portas de um outro convento não se abrissem misericordiosas para elle.

Para agradecer a caridade dos religiosos, entretinha-se a fazer flores de papel e cêra, que elle vira e ajudára a fabricar em Moncorvo, e tal habilidade mostrava n'essa arte que os santos frades novevezes trataram de lhe apurar o gosto fornecendo-lhe bellos moldes e excellentes materiaes.



Constantino porta-bandeira do batalhão de caçadores migueleiros de Villa Flôr

A reputação artistica do emigrado chegou aos ouvidos de uma senhora franceza, madame Veillard, que a esse tempo era modista em Genova, e que o roubou aos carinhos dos frades levando-o para o seu atelier, onde em breve os trabalhos do seu novo pensionario ultrapassaram, pela perfeição, os melhores productos dos mais espertos floristas.

Mas os pruridos de ambição revelavam-se na alma inquieta de Constantino, que aspirava horisontes artisticos mais amplos que os da velha cidade de Colombo.

Madame Veillard comprehendeu os legitimos desejos de Constantino e deu-lhe uma carta de recommendação para monsieur Flamet, o mais celebre dos floristas de Paris n'essa epoca.

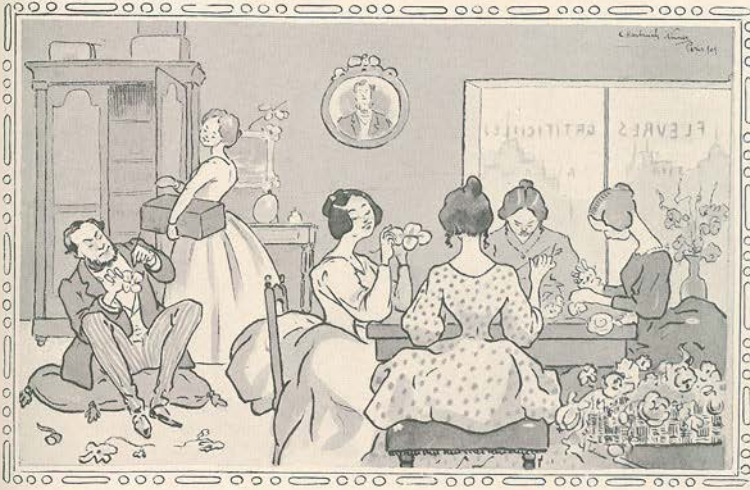
A jornada do nosso compatriota foi acciden-

cançada em casa do sr.

Flamet, que ao receber a recommendação de madame Veillard encarregou-o de executar um ramo de flores de pennis como experiencia.

Tão perfeito saiu o trabalho que foi immediatamente comprado por quinhentos francos, pela Guarda Nacional, para ser oferecido á rainha Amelia, esposa de Luiz Philippe.

Este bouquet foi o inicio da sua nomeada. A casa Flamet pôz os seus grandes recursos á disposição de Constantino, que, longe de satisfazer-se com as *fournitures* usadas então pelos floristas, occupava-se, sempre, em aperfeiçoal-as, empregando muitas outras inteiramente novas, devidas ao seu genio inventivo, como as hastes das flores em borracha, hoje vulgares.



O atelier de Constantino em Paris, onde elle em pessoa trabalhava no chfo em obediencia a um velho habito adquirido em Trancoso

tada n'aquelle tempo de diligencias e passaportes, que elle não podia assignar pelo simples facto de não saber escrever. Os franciscanos de Moncorvo tinham-se, de facto, esquecido de dar-lhe essa prenda, que, de resto, talvez elles mesmo não possuissem. (Convém notar aqui que este pormenor, embora verdadeiro, ou provavelmente por essa razão, não figura nas *Memoires Historiques*).

Enfim, depois de curtas demoras em Milão e Lyon, onde, diz o seu historiado anonymo, Constantino se demorou a estudar a industria das flores artificiaes, chegou a Paris, indo hospedar-se no hotel Portugal, pensando, na sua alma ingenua de artista, que, n'uma hospedaria assim chamada, a lingua portugueza devia ser corrente.

A sua desillusão foi grande! Conso-

lhou-se, porém, com a victoria logo al-

Tão pasmosamente imitava as flores naturaes, na sua flexibilidade, cor, frescura e até aroma, que tendo-lhe a rainha Amelia encomendado uma corôa de laranjeira, para o casamento de uma das suas filhas, Constantino, que a esse tempo já era estabelecido por sua conta, levou-lhe duas, uma natural e outra artificial, pedindo á rainha que escolhesse entre as duas, sem lhe dizer a differença que havia entre ellas.

Vendo a rainha indecisa, deixou-as ambas, pedindo licença para no dia seguinte ir buscar a rejeitada.

Quando voltou ás Tuilleries a rainha disse-lhe: — «As suas flores só differem das naturaes n'isto: que estas murcham e as suas não!»

Esta phrase espalhada pela imprensa parisiense e repetida pelos jornaes do mundo inteiro sagrou, definitivamente,

Floristas.

D'ali em diante os successos não tem mais conta. A partir da exposição de 1844, em que o proprio rei o cumprimenta, todos os grandes premios lhe são concedidos em Paris, em Londres e em Vienna.

O imperador da Austria envia-lhe uma

va toda a gentileza de que era capaz o seu temperamento bisoanho para quando recebia a visita de alguma grande dama ou personagem de importancia, no riquissimo salão do primeiro andar, todo guarnecido de retratos dos seus antepassados, retratos que elle proprio mandára fabricar pelos pintores esfomeados da collina Montmartre, que começava



O salão de Constantino guarnecido dos retratos dos seus antepassados

condecoração em troca d'uma corôa que Constantino manda para o tumulo do imperador Maximiliano, fuzilado no Mexico.

No seu estabelecimento da rua d'Antin, n.º 7, onde elle proprio trabalhava, sentado no chão, em obediencia a um velho habito adquirido em Moncorvo, desfilaram todas as celebridades mundanas do Paris da monarchia de julho e do segundo imperio.

As mais notaveis floristas se disputavam a honra de collaborar com o grande Constantino, que era a exigencia em pessoa, durante as horas do trabalho.

Elle reserva-

a povoar-se d'essa especie de mamiferos.

Constantino tinha, com effeito, uma especial predilecção pela collaboração artistica na sua obra de engrandecimento.

O proprio Castilho, o norso Milton, o extraordinario traductor de Molière, não escapou ás



Braço do cartão de visita de Constantino

solicitações do compatriota estabelecido em Paris; e no estylo alambicado do tempo escreveu um poema laudatorio sob o titulo — *A Constantino Rei dos Floristas* — que appareceu

n'um folheto impresso na rua des Saintes Pères, e datado (oh romantismo!) da Gruta do Parque Monceau, em 13 de novembro de 1866.

N'esse poema espantoso ha cousas curiosissimas, a revelar toda uma epoca, por exemplo, os seguintes versos:

«Portugal! Portugal que de grandezas
 Não procria o teu ambito portugado!
 Que musa excede as musas portugezas?
 Qual deu pelo orbe mais faustoso brado?
 Aos teus heroes de maximas emprezas
 tinha-as de palmas teu Camões coroado;
 ás bellas tuas e ás do mundo, agora
 cinge teu Constantino os dons de Flora.»

E mais adeante:

«Antes de Constantino só Favonio
 Cybele e Phebo produzirão flores,
 Constantino as produz não menos bellas
 E de mais viço e de mais vida que ellas.»

Foi, certamente, devido a leituras tardias d'este entusiasmo poetico que um vereador propoz em sessão da Camara Municipal de Lisboa, em janeiro de 1900, que se elevasse um monumento á memoria do Rei dos Floristas. Um jornal popular occupou-se seriamente



O retrato de Constantino em plena nomeada (1866)



Brazão d'armas usado por Constantino e por elle mandado comprar

do assumpto, n'essa occasião e no anno seguinte. Depois mais nada... esquecimento. O nome do Rei dos Floristas não tem significação alguma para os contempo-

raneos.

O fogo da gloria, a fama da posteridade só renasce nas cinzas em que existem faiscas de genio. As cinzas de Constantino estão frias como a poeira que cobre as flores do altar de Buglose. Ellas são como reliquias de um homem que honrou a sua patria no estrangeiro e lá dormem felizes sob o olhar eternamente doce do grande santo amigo das criancinhas.

A. D'ÁGUILAR.

Nota da redacção

O nome do grande florista, que disfructou uma tão larga aura de celebridade em Paris, encontra-se hoje memorado em Lisboa na denominação dada a um jardim publico, — o *jardim Constantino*, do novo bairro da Estephania. A malloiria dos transeuntes, ao ler o respectivo letreiro, está bem longe, porém, de supôr de que personagem illustre se trata. A traça que destruiu o papel dos lindos ramos fabricados por Constantino, e tornou em pó as suas bellas flores, parece ter-lhe destruido, da mesma forma, a gloriosa fama.

Crêmos, por isso, que o artigo, que publicamos hoje, do nosso talentoso collaborador, interessará bastante os leitores da *Illustração Portuguesa*.



Dedicatoria no poemeto de Castilho em hora de Constantino

O DESCARRILAMENTO DE MOLEDO



apenas a machina ficou na linha. Os passageiros sofreram, felizmente, apenas o susto.

Damos aos leitores uma serie de photographias d'este desastre, tiradas por um distincto amator, que obsequiosamente as offereceu á *Illustração Portuguesa*. Essas photographias representam varios aspectos do descarrilamento tirados na estação de Molêdo, pelo nosso amavel

Nas ultimas semanas tem-se repetido nas linhas ferreas portugezas os casos de descarrilamentos, a que o do comboio, que precedeu a chegada a Campanhã do que conduziria a excursão republicana a Braga empresta uma certa actualidade.

Na semana anterior a chronica registou pequenos descarrilamentos occorridos nas linhas do Minho e do Valle do Corgo, e o importante descarrilamento do comboio-rapido Porto-Medina na estação do Moledo, da linha do Douro. Este descarrilamento deu-se nas seguintes circumstancias: Da carruagem que seguia atrellada junto á machina, deslocou-se uma pequena alavanca do chamado freio-vacuo, que foi levada de rastos até que, ao entrar o comboio na estação de Molêdo, se prendeu á ponta da agulha e fel-a levantar. Em virtude d'isso resultou immediatamente o descarrilamento do fourgon e de todas as carruagens que compunham o comboio, do qual



1—Comboio expresso Medina-Porto
2—Outro aspecto do comboio
3—Os machinistas



correspondente, que ali se encontrava na occasião, e portanto offerecem um innegavel interesse.

São conhecidos os factos occorridos com a excursão republicana a Braga, e o descarrilamento, em Campanhã, do comboio mixto do Douro, que precedeu na chegada áquella estação o dos excursionistas. No regresso de Braga uma parte da viagem correu sem incidente. Os passageiros commentavam os factos, havia grandes sustos entre as senhoras que falavam pouco saudosamente d'esse passeio a Braga. Houve, porém, um atrazo na viagem, o que fez com que um novo incidente não viesse amargar ainda mais a excursão.

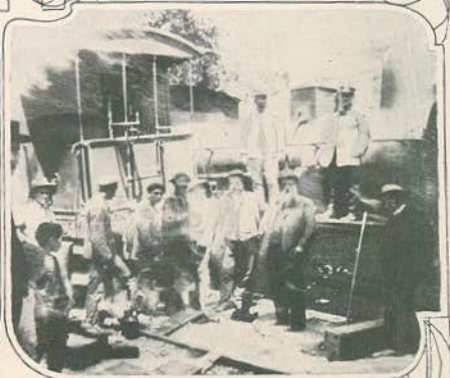
O comboio que chegou antes do dos excursionistas, como estivessem mal feitas as agulhas, foi esbarrar com o material de reserva, ficando avariados alguns wagons dos quatorze que compunham o trem e ficando partido o cabeção da machina. Ficaram feridos muitos passageiros e sobretudo uma re-



nhora. Calculam-se em cinco contos de réis os prejuizos e deve-se ao atraso do comboio não haver maiores desastres a lamentar.

No primeiro momento, passado o panico, toda a gente vociferava contra os empregados da companhia, aquellas mil e duzentas pessoas, que tão mau passeio tinham dado, clamavam indignadamente. Depois attribuiu-se o caso a

malvadez d'alguem que aproveitasse o momento em que o agulheiro se afastava do seu posto para ir fazer um desvio que podia causar gravissimos desastres. Houve uma grande dificuldade na remoção do material e como se julgasse que realmente se deva a malvadez o transtornar a agulha foi encarregado um inspector de averiguar os factos.



1—A machina do comboio que descarrilou—2 O ultimo wagon—3 No local do sinistro
(Clichés do AMADOR SR. BENJAMIN A. STANING.)



GENERAL FRANCELINO HYGINO CRAVEIRO LOPES—Foi comandante da 1.ª divisão, e falleceu em 11 de agosto. Attingira o limite d'idade ha um anno, passando então ao quadro de reserva, ficando todavia primeiro ajudante de campo e chefe da casa militar de El-Rei.



VISCONDE DE BAENA—Era um dos mais distinctos genealogistas portuguezes, devendo-se-lhe trabalhos d'incontestavel merecimento como a *Resenha das Familias Titulares*. Pertencia a uma nobilissima familia e falleceu em 7 de agosto.

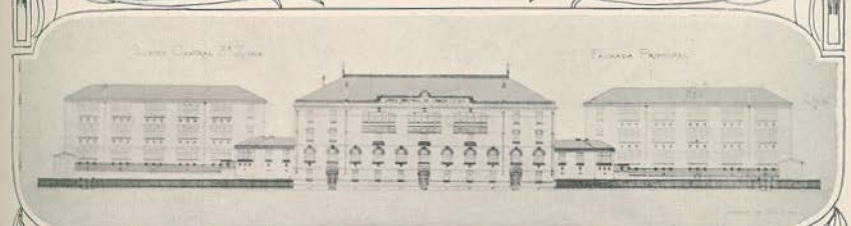


1—Fim do comicio: os oradores na tribuna
2—Ao terminar o comicio: a debandada do povo

O partido republicano tem promovido excursões por diversas terras da provincia fazendo em todas ellas sessões de propaganda nas quaes tomam parte alguns dos chefes do partido. Ultimamente foram a S. Pedro d'Alva, um pequeno logar da Beira, onde se realisou um

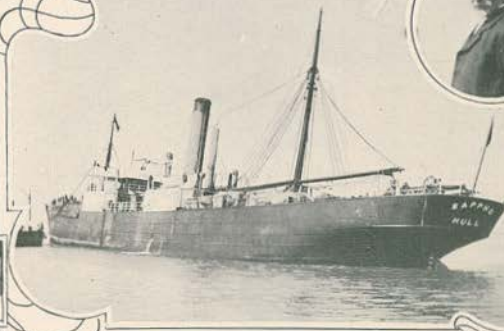


comicio a que assistiu, algumas senhoras e muito povo. N'esse comicio falaram alem do sr. dr. Antonio José d'Almeida os srs. dr. Alfredo de Magalhães, Feio Terezas, dr. Fernandes Costa, Raymundo Martins em nome do sr. dr. Bernardino Machado e outros. Foi tambem inaugurado um centro republicano.



1—Panneau em azulejo, trabalho de Jorge Colaço, pertencente a M.^{me} Juliette Adam

O vapor inglês *Sappho* entrou no dia 14 no Tejo com fogo a bordo, o qual se produzira por combustão espontânea no esparto de que vinha carregado, trazendo também grande porção d'oleos, alcatrão, tartarugas, e essências. O caso deu-se a 60 ou 70 milhas da nossa costa e quando o barco se dirigia para Inglaterra, tendo que mudar de rumo e acudindo rapidamente a tripulação ás bombas de bordo sem conseguir extinguir o incendio, que só foi apagado no Tejo por varios barcos que foram em soccorro do *Sappho*.



2—Projecto do novo yacu da Estrella pelo distincto architecto sr. Ventura Terra. 3—O vapor inglês *Sappho* 4—O commandante do barco, sr. James Steele (Clichés de RENOLIEL.)

SPORT NAUTICO

A REGATA DO PORTO



Dos divertimentos característicos de verão são as regatas que marcam. O Porto distingue-se sempre n'este genero de diversões. Ha ali uma tendencia para o *sport* nautico que se comprehende pelo contacto com a colonia ingleza que ali habita e que se lhe dedica extraordinariamente. Rapazes portuenses formam legião entre os nossos mais distinctos cultivadores d'esse *sport*, um dos mais interessantes sob todos os pontos de vista, havendo entre esses devotados *sportsmen* alguns de reputação em todo o paiz e que já teem disputado pre-




1—Tripulação da primeira serie: sr. Brito, voga, A Rodrigues, A. Begonha e F. Faria
2—Vencedores da primeira serie: srs. Bruneau, W. Chambels, E. Villares e P. Costa



- 1—Tripulação da 2.ª serie Alunos do Collegio da Boa Vista
- 2—Chegada à baliza: Os vencedores da 2.ª serie
- 3—1.ª serie: Perto da baliza (Clichés do sr. CARDOSO)

mios com os mais denodados campeões dos clubs nauticos portugueses. Ainda ha dias realisou o Sport Club do Porto uma regata deveras notavel e que honrou aquelles que tão porfiadamente se dedicam a esses exercicios com o maior entusiasmo.



COMO SE FUNDE O AÇO

No interior da officina vasta já está tudo attento para a fundição, aquelle trabalho em que se puzeram cuidados desde a sala de desenho até ao trabalhador que vae apenas auxiliar a puxar a grande *colher* onde o aço deve escorrer liquidamente, branco, com escumalha de lava a arrepiar-lhe a superficie.

Emquanto em face do grande *convertidor*, onde o ferro já começa a aquecer, ha um movimento extranho de homens, pelo resto da officina, ali perto, outros agachados vão moldando n'aquella areia fina e especial, d'um amarello torrado, as pequenas peças de ferro e fazem isso com uma brandura calma de gestos mexendo os pequenos instrumentos que definem os mais leves contornos do molde. Para outros lados, onde já está prompto o trabalho, passam as *colheres* pequenas levadas por dois operarios que vasam aquelle ferro candente nos buracos que a modelação deixa a descoberto. Ouvem-se uns pequenos estalidos, luzeiros azues surgem pelas juntas, uma ou outra estrellinha, como n'um divertimento infantil, apparece e logo se apaga e assim vae decorrendo a tarefa n'aquella enorme officina de cobertura alta por onde passam manchas louras de sol, nos edificios da Empreza Industrial Portugueza, que tem o privilegio da fundição do aço em Portugal.

E' para esse grande trabalho de fundi-

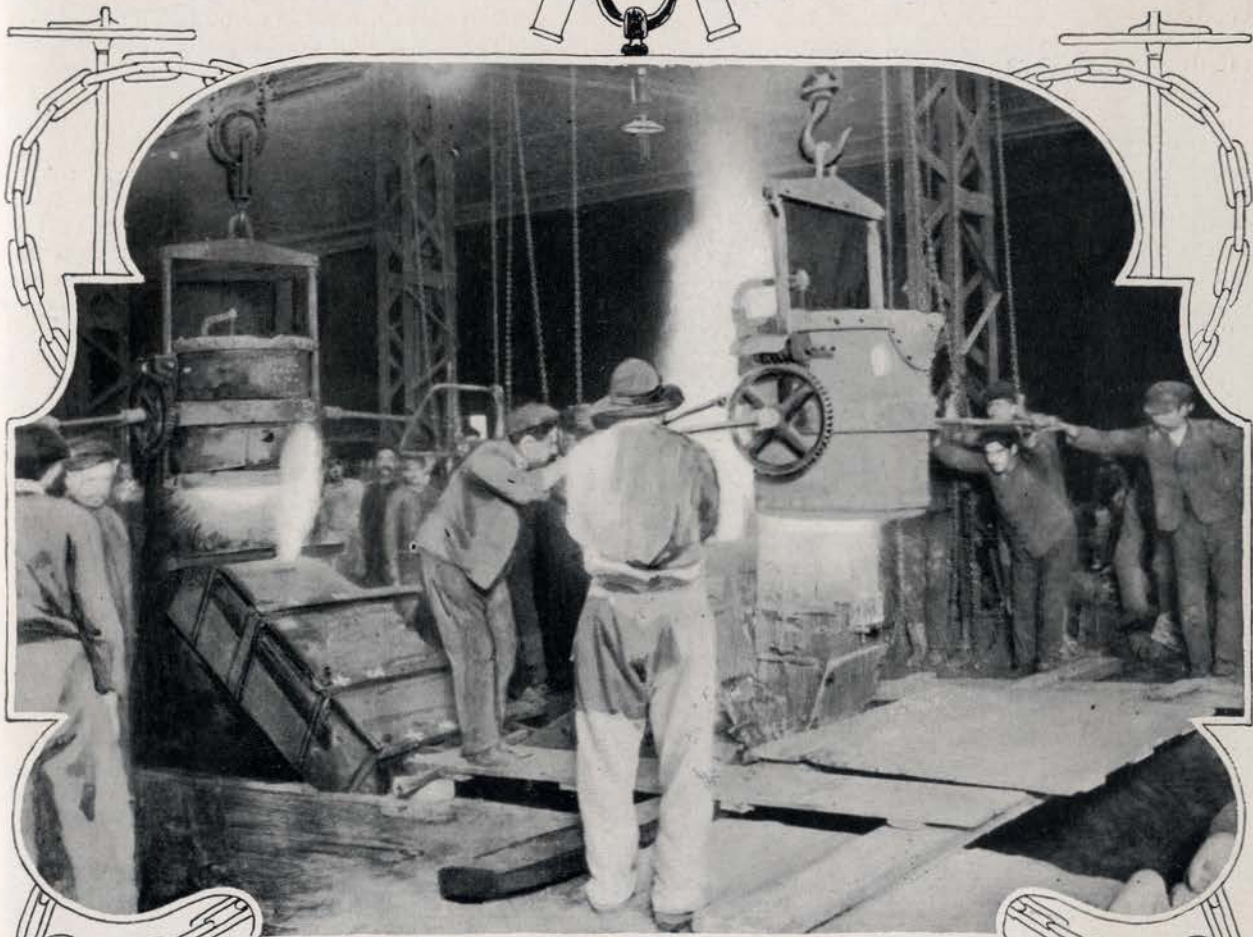
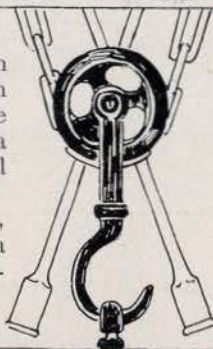
Ao partir o ferro para a fundição

ção — o cadaste d'uma canhoneira, a *Ibo* — que se voltam no entanto todas as atenções dos engenheiros, dos operarios, dos delegados do governo, do chimico que tem de vigiar attentamente o *convertidor* onde se vae fazendo já o primeiro calor, do mestre da officina que olha o molde enterrado na cova profunda na qual, dentro em pouco, se vae lançar todo aquelle metal em fusão, molde que já leva dias de tarefa e que lembra um animal extranho coberto da terra d'um sepulchro apropriado ao seu corpanzil vasto e irregular.

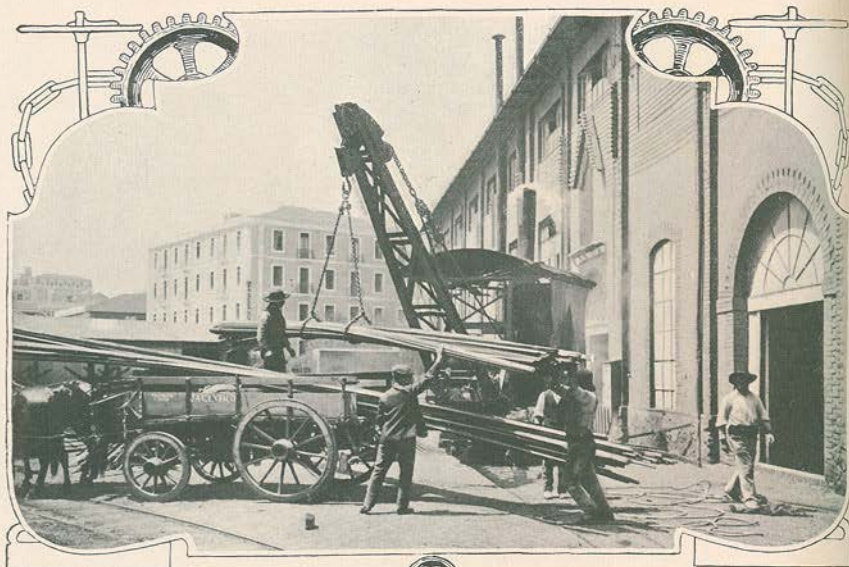
Após os traços do desenho, no fim do risco, a officina dos carpinteiros de moldes pôz a peça no seu verdadeiro tamanho, fez em ma-

deira aquillo que ella será depois no aço forte que deve resistir ao peso das cargas, dos tripulantes, dos canhões, ao voltar da helice e á maldade do mar. Então transportada para ali, enterrada na sua cova, coberta da areia da moldação o seu dorso longo, arranjadas as suas juntas, queda-se a esperar

o banho do metal que vae ser o seu corpo resistente, a sua alma forte e poderosa e ali fica deante d'aquelle enorme *convertidor* onde o ferro vae aquecendo pouco a pouco, na espera attenta de todo o pessoal, no forte, silencio da officina turbado apenas por uma ou outra voz dando oïdens, ou pelo batucar distante d'um malho partindo o ferro ou ageitando-o, não já para o metter nos fornos, mas



1—As officinas onde se abricam os moldes
2—Conduzindo o aço na colher grande para a vasão no molde



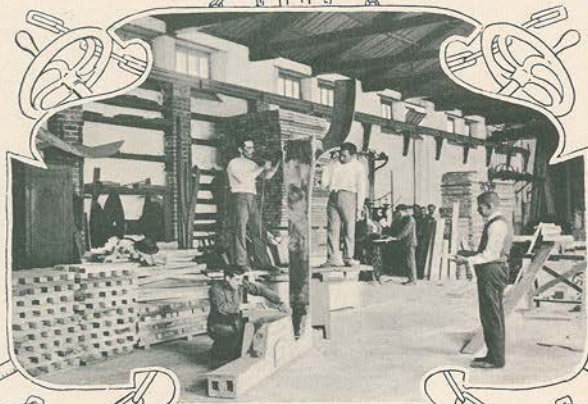
para trabalhar outras peças que ali se fabricam com esmero.

♣ O CONVERTIDOR ♣ O PRIMEIRO PERIODO ♣ UM DESLUMBRAMENTO

Aquelle *convertidor* é um vasto recipiente ovoide de chapa forte revestida, guarnecido ainda interiormente por camadas de tijolos e barro refractario que o barram e defendem; move-se em torno d'um eixo horizontal que um homem põe a andar mexendo a manivella da machina hydraulica proxima. Tem uma bocarra larga por onde se lhe introduzirá a calda de ferro e aos lados sete aberturas, tambem de barro invulneravel, pelas quaes lhe é injectado o ar produzido pela machina que fica n'outra casa e lança a sua corrente para os

grandes tubos de comunicação com o apparellho gerador do aço. Aquelle corpo negro e ovoide no seu canto, com uma vasta chaminé na sua retaguarda, é o fito de todas as attentões. Já se lhe lançou dentro o coke incandescente que aquecerá o *convertidor*. Ali proximo está o ferro fundido que se lhe formará, com o sopro dos seus sete tubos por umas columnas poderosas de ar enviado pela machina, n'esse aço resistente por que

se aneia. Faz-se o transporte n'aquelles vasos enormes que um guindaste move, os reflexos do metal batem e encheio nos rostos e os homens parecem tingir-se em uma luz vermelha ao vazar do ferro no vasto apparelho collocado horizontalmente para que a calda



1—Guindando as barras de ferro para o transporte
2—Os carpinteiros: Os ultimos retoques no molde

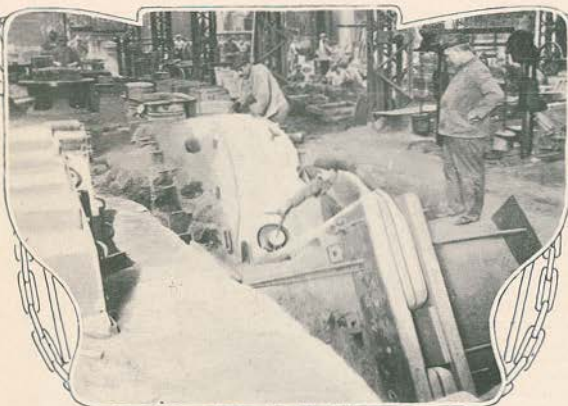
não vá entupir as sete aberturas por onde o ar deve entrar com uma pressão equivalente a sete vezes aproximadamente a columna do metal.

Começa então a faina, a grande faina. O químico só vive n'aquelle momento para o que se está passando no aparelho e que os seus olhos parecem entrever mesmo através a chapa que guarnece o monstro. A machina d'ar vae trabalhando regularmente na parte detraz do logar onde se está fazendo a fundição e os homens collocam-se agora a postos, muito attentos ás ordens, recebendo aquelle primeiro calor que irá augmentando successivamente, que terá fortes gradacões e no fim attingirá uma enormidade.

Vae sempre a activar-se a fusão. No resto

da officina todos continuam preocupados com o seu trabalho, não podendo contudo de deixar de por vezes errar a vista por aquelle logar onde se está passando um acontecimento de que se fala em toda a fabrica dias antes. E é realmente phantastico o espectáculo que pouco

a pouco se vae deparando aos nossos olhos, as phases diversas por que ali passa a chamma sahida pela bocarra do *convertidor*. Vão queimando os elementos extranhos ao ferro, o silicio consome-se dando um chuveiro de faiscas que caracteriza a phase primeira da fundição. E' lindo na verdade, porque n'aquelle fundo luminoso onde os homens resahem no claro, encostados ás suas



1—A moldação do cadaste da lbo pelos undidores
2—Após a vassão do aço



fermentos altas, atentos a uma ordem, volve-se como no macho deslanchante logo de arteificio um cinzeiro de fagulhas que faz arder os operarios. São estrelas rapidas, successivas, brillantes, expellidas d'uma lança enorme, levadas pelas ares, como v'ellas d'empur de foga selvagem, ou d'ellectra n'aquele impulso, ou cahido como uma fonte luminosa. Os operarios pegam os olhos n'aquelle magnificencia, todas as attencoes para ali se dirigem e durante um minuto os olhos não se movem uma vez, tal é o deslumbramento que nos ataca. Mas logo é necessario

CORTI
MALLA
TARIFA



que já durou vinte minutos. Transp'ize-se por todos os poros, o calor é excessivo, soffoca; quem sair d'ali até á porta da officina terá a sensação que passa d'un forno para uma gel'ria e sentirá então o que é a vida d'aquelle gente junto ao fogo n'aquelle pequeno inferno, como lá lhe chamam. O chiméico Liacoste, com os seus olhos exp'os que lhe defendem a vista da intumescencia da luz, mostra então foga a prova. Os operarios apparecem enados, negros, confundido o vazo de barro refractario onde está o pedaco de metal quente e um outro homem com uma grande ferra vas tirando á superficie do *convezido* aquella primeira lava enaguada, estranha, *excessivamente* o apparatus que se v'ia, que mostra então a quella access, terrivel, como uma cousa de magica e d'onde se tira um bocado da calda que o chiméico attentamente v'ia. O nostro *d'eliquese*, o ha de porta a boccanta do *convezido*. Dá-se uma ordem e voltando novamente o apparatus á sua posição horizontal a foga continúa.

SEGUNDO PERIODO ♦ DOIS MIL GRAUS DE CALOR ♦ O AÇO
Arriva-se a comburo e desde que o carbone se começa a queimar a chama torna-se mais viva. É o *segundo periodo*, que só termina

se o ruido das correntes tocando nas rodas torna-se de foga já enciem o ar e vae acortado o aço para a *grande colher*. A machina do *convezido* inclina-se; o monstro tem vagares de *psychotero* emouadado e desvaca o primeiro jacto d'ago na *colher* *convezida* que os homens tem condado para ali. É uma torrente grandiosa de liquido que assoma n'um vomito escallante; a boccanta lançamos do apparatus, uma crosta, como uma camada de nata cadente surge e então aquillo vaza-se e fica na *colher* no interior da qual as lança curvo adeste a fim de lhe conservar o calor. Co-



—No meio d'un *aplanho* de luz e ago vai a machina do *convezido* da prova. O aço *convezido* para a *colher* do *convezido*.

—O mestre da officina Sr. Bacin dando as ordens á foga

meça a segunda fundição, outros vinte minutos

com as mesmas peripécias e a dois mil graus de calor, n'aquelle tormento da officina onde os fundidores se a tiram para a frente, onde o mestre dá ordens, onde as fau has resaltam, mas já não como ha pouco, quando o *convertidor* parecia o bojo d'uma grande peça de fogo d'artificio em festa real. N'aquella atmosphera que faz

cerrar os olhos, n'aquelle calor que os avermelha tem-se e fica ainda por muito tempo na retina, como n'uma vertigem, a visão do que tudo aquillo foi. São as faiscas vivas que mordem, espicaçam, e ferem como ferrões de vespas as pelles dos operarios, as chuvadas candentes expellidas, aquelle bando de estrellas vistosas na noite da officina sahindo brilhantes do deslumbramento branco do

clarão. Ha uma sêde estranha em todas as boccas, seccam as guellas, os fatos collam-se aos corpos e ouve-se sempre o ruido das correntes puxando as *colheres*, levando-as para junto do *convertidor*, d'onde um novo jorro grosso brota como n'uma fonte de magica. Está feito o aço; resta agora vasal-o no molde, deixal-o escorrer pelo fundo das *colheres* e para dentro do molde, uma de cada lado, suspensas pelas suas correntes que os operarios vão conduzindo agora na grande fundição em que os corações estão pequeninos em que muito se receia d'aquelle



parto do aço no seio rijo do molde.

Maos á obra! Ouve-se um grito, uma ordem rapida e pesadamente levadas pelas correntes, auxiliadas pelos operarios que amparam as *colheres* com as suas tenazes monstruosas, aquillo caminha com o seu recheio de aço em calda para junto da fôrma enterrada na sua cova com um animal monstruoso

n'uma sepultura bizarra, boa para o seu corpo.

A FUNDIÇÃO NA LUCTA AS ESPERANÇAS E AS DESILLUSÕES

Conduzidos sempre com cuidados, os grandes vasos estão já suspensos sobre as duas boccas fronteiras do molde que re quer fundir, o grande

castade da nova canhoneira, que ha de supportar pesos e correr mundo em viagens largas, com marinheiros a bordo cantando n'outros climas com saudades da terra.

Desappareceu a fumarada. O *convertidor* está de novo horisontalmente, corado na sua bocca, expellindo ainda um calor enorme. Sente-se uma tonreira n'aquella atmosphera e de repente ouve-se a voz do mestre a ordenar a vação. Move-se docemente mas n'um grande esforço as *colheres*:



1—O transporte da *colher pequena*
2—A primeira phase do aço: Um maravilhoso espectáculo

ficam depois suspensas com a sua abertura superior prompta a jorrar aço para o interior do molde. De novo soa uma voz.

A valvula escancara-se e o aço jorra. Dá vontade de pedir a algum Vulcano poderoso que deixe fazer-se a obra que tanto trabalho deu, que leve a bom fim essa tarefa de tantos dias, mas se algum muito pagamente fizesse a prece não teria tempo de se recolher porque o aço já jorra como um rio de sangue quente a animar as paredes frias do molde e pelas juntas vê-se correr o liquido, apparecem luzinhas azuladas como se fossem fogos fatuos n'aquelle corpo que vae ter vida mas que se julga morto e por um tubo largo um grande floco lilaz luminoso e forte sae como uma bica de maravilha. O fumo esconde os homens, esconde o mestre dos fun-

Que tal ficaria?! Que tal ficaria?!

O mestre é o mais ansioso; os operarios interessam-se no trabalho, vae-se saindo, para na manhã seguinte se saber o que succedeu: se a obra se perde ou se fica boa. Mas ficou bom de certo esse cadaste da *Ibo* que vae correr os mares e que tanto suor custou aos operarios na labuta deante do alto forno. Sahe-se. O ar parece outro, um frio cortante de Siberia, após aquella temperatura de dois mil graus e nos nossos olhos deslumbrados ha ainda aquella chuva de estrellas vivas, em trunfas, em cachos, como n'umas noite de gala, a meio do Tejo, temos visto as maravilhas da pyrotechnia em festejos da realza. Ali celebra-se, na fundição do aço, a festa da alegria do trabalho no esfumar vivo d'aquelle fogareu transformador do ferro vil



Vasando com a colher pequena
(Clichés de RENOLIEL)

didores que na sua ancia se lança para o molde em risco de queimar-se, e os operarios que estão a espreitar as juntas. Ha um momento de silencio. O fumo occulta ainda um instante a obra e de repente as roldanas começam a guinchar, as *colheres* retiram, levadas por ellas e sobre aquella corpo quente, deante do *convertidor* abandonado, os operarios n'uma legião com as suas ferramentas atiram-se a desmanchar a crosta que encobre aquella corpo, suando, falando, erguendo alto os utensilios, n'um vozear que enche de ruido aquella officina onde o trabalho se faz quasi sempre levemente, modelando na areia. E' necessario que tudo aquillo arrefeça para então se ir ter a surpresa de quem abre uma noz e a acha apocredida ou de quem a encontra magifica.

n'um metal mais nobre á força de cuidados, ao cabo de tormentos!

E por todo aquelle vasto espaço, agora á luz do sol, livres os olhos do deslumbramento rubro do fogo, os operarios parecem excitados, após a obra, mostra-se nos seus olhos a alegria que se sente ao cabo d'um trabalho realisado e atravessando os grandes telheiros, passando deante dos aparelhos, vendo os tornos que se movem, os homens curvados, attentos n'uma atmosfera mais fresca é ainda a tortura do *convertidor*, a sua faulhagem, aquella sede que seccava as guellas, aquelle tormento do inferno que nos recorda e ao mesmo tempo a compensação, essa maravilha d'um fogo de artificio mais bello que o das festas, n'aquelle fundo d'uma officina onde se trabalha tão ardentemente.

O PRINCIPE DE MONACO EM LISBOA

O príncipe de Monaco esteve em Lisboa alguns dias com o seu secretario mr. Richard. Chegou a bordo do seu magnifico yacht *Princesse Alice*, já celebre nos annaes das pesquisas do oceano em que tem feito as mais bellas campanhas oceanographicas. O príncipe almoçou em Cintra com o chefe d'estado, visitou o aquario de Algés e outros pontos de Lisboa, não tendo conseguindo ir á Serra da Estrella, como desejava, visto não poder demorar-se muito tempo entre nós. A obra do príncipe de Monaco é muito valiosa, sendo reconhecida como das primeiras se não a primeira no seu genero.



1—O yacht *Princesse Alice* de Sua Alteza Real o Principe de Monaco
2—Sua Alteza Real o Principe de Monaco desembarcando com o seu secretario Mr. Richard
(Cluchés de BENOLIEL)

Na praia das Maçãs UMA FESTA ELEGANTE



A sr.^a duqueza de Palmela para festejar o anniversario de seu neto Antonio, filho do srs. marquezes de Fayal, offereceu um jantar a algamas meninas e rapazes da primeira sociedade residentes em Cintra e que mais convivem com o seu neto. A festa realisou-se no hotel Belle Vue da Praia das Maçãs ha pouco inaugurado e diante da amplitude do mar, n'aquella temperatura amena e agradavel



No terreno da patinagem: patinadores e espectadores



Um ensaio de patinagem pelos aprendizes enquanto as mestras descançam



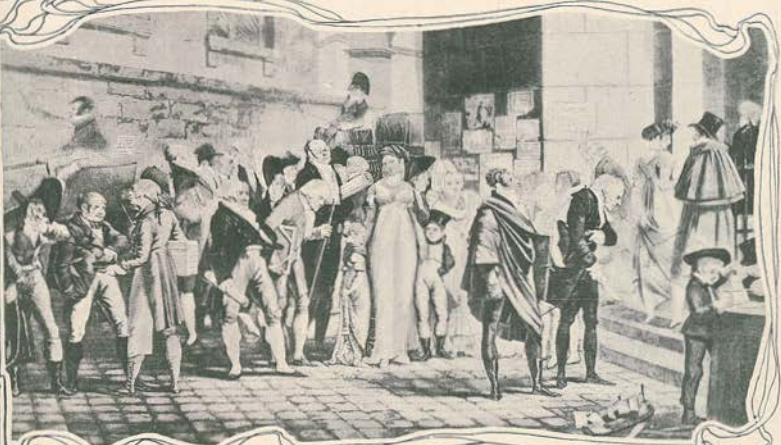


da praia fizeram-se varios jogos, houve patinagem e n'um meio todo de alegria moça a festa decorreu cheia de interesse. A sr.^a duquesa de Palmella não poudé assistir em virtude do seu estado de saude, sendo as honras do banquete feitas pelo sr. marquez de Fayal. Foi sem duvida esta festa uma das mais bellas que se teem realizado este anno nas estações de verão, causando um grande entusiasmo em todos os convivas. (Clichés de BENOJIEL)

A Moda do século 19

O século passado, politicamente original, nem sempre o foi nas modas que implantou. A epopeia napoleônica, que recorda velhas proezas de Cesar e as sobrepessa em gloria, trouxe a repetição dos usos do grande povo no traje feminino; conseguiu militarizar os fatos dos homens, mas de começo não poudé disciplinar a phantasia endiabrada que nascera no tempo da revolução, que se exacerbára com o Directorio, e fôra ainda um exagero no alvorecer do Consulado. Andavam

futilidades da moda, o homem excepcional que tudo regulou, desde a sociedade ao gesto com que devia traçar o manto imperial, começára na vida por não ter um fato e acabaria por não se importar com essas cousas no seu desterro. Bonaparte sendo general teve que se socorrer da influencia da Tallien para obter um pouco de panno para fazer uma farda. Barras mandou-lh'a fornecer dos armazens do Estado e assim poudé apparecer nas festas o futuro dictador da Europa; no seu declinar em Santa Helena usava um traje sem harmonia, meio militar, meio civil, e na cabeça um grande chapéu de palha como o dos plantadores ame-



As modas no tempo do imperio
(Da Collecção do Gabinete das Estampas)

n'esta epoca as elegantes com as suas largas saias de percal da India, d'uma transparencia extrema, todas bordadas em volta e com a sua barra de pampinos, lyrios e jasmims, n'uma allusão a toda essa gloria de Bonaparte, que dentro em pouco ia ser imperador. Na cabeça os gorros com duas plumas brancas; o chale de cachemira nos hombros; as joias eram cruces de perolas e diamantes. Renascia Deus, que fôra abolido para dar logar no Campo de Marte ao altar da Deusa Razão e de novo os attributos religiosos iam enfeitar os trajes das lindas parisienses.

E' curioso analysar como o homem que maior influencia teve no seu tempo desde a transformação das leis até ás

ricanos. Pois este homem, foi o arbitro supremo da moda em França no principio do seculo e ainda durante quinze annos d'elle. Quando se começou a chamar Napoleão I, sentiu bem que junto ás fardas brilhantes dos seus generaes era necessario collocar tambem alguma cousa de deslumbrante n'um talhe de simplicidade, e desde então os costureiros parisienses começaram a fazer a obra. Os tecidos bordados a ouro e a prata, n'uma evocação romana, toda de lisonja, surgiram como a condizerem com as aguias que o homem dos seculos iria mostrar á Europa, n'um passeio triumphal. Na côrte, sobre os fatos de musselina finissima

usavam-se pequenos vestidos ricamente bordados, ficando a descoberto

os braços, as espaduas e o peito. Vivia a moda da meia transparência. Os vestidos modelavam os corpos e tinham grinaldas de heliotropo, rosas, flôres n'uma profusão tão grande como a das joias. A imperatriz Josephina tinha diamantes verdadeiramente maravilhosos e gostava vaidosamente de os mostrar, de os fazer resplandecer sobre ella, no que era imitada pelas mulheres dos generaes, por todas as damas da côrte, que pareciam soes sob aquella alluvião de pedrarias scintillantes. Mais tarde, chegou a tal furia a exhibição d'essas pedras que a propria Josephina se desgostava d'ellas, a ponto de dizer n'um circulo de elegantes a quem mostrava as suas joias:

«No principio da minha admiravel fortuna divertia-me immenso com toda estas cousas muitas das quaes me foram offercidas na Italia. Pouco a pouco comecei, a desgostar-me a ponto de já não ar usar senão quando fui forçada a isso pelo meu novo logar no mundo. Depois, mil acontecimentos nos podem privar d'estas soberbas inutilidades. Não usei Antonietta? dá a felicidade. Vou dizer-mais con-

algumas joias de Maria. Não julguem que o luxo dáde, não o invejem, vos que fiquei muito contente quando recebi um velho par de sapatos do que quando mostro estes diamantes.»

Narrava então a sua vinda da Martinica e a miseria de sua filha a quem um velho contramestre de navio offercera uns sapatos.

Em todo o caso se ia restringindo o uso das joias. A' medida que se iam succedendo as victorias, o luxo desenfreadava-se

e appareciam vestidos que tinham a singeleza de tunicas, mas cujos bordados eram preciosissimos. As côres eram discretas, geralmente o branco e o lilaz, que mais faziam destacar as mulheres nos bailes ao deixarem-se enlaçar pelos militares tão cobertos de ouro como Murat, a quem o imperador chamava o Franconi, ou como Junot, alcuñado de Marmont II pelo seu luxo de galões. Em 1810 o desnudo era quasi completo e a moda propagava-se a Portuga^l que teve d'essa epoca em deante a copia das modas francezas. Antes das invasões os trajos das mulheres portuguezas eram extravagantes. Usava-se em 1805 como etiqueta a saia de balão que bastante trabalho deu á mulher de Ju-

not, habituada aos trajos roçagantes e leves da côrte imperial. Os homens usavam calção e meia, como dois seculos antes, quando na França já isso fôra banido. As princezas imperiaes nas festas eram soberbas, sobretudo Paulina, cuja admiravel belleza antiga dizia bem com o trajo adoptado. Nos cabellos puzera cachos d'uvas em ouro; o vestido de musselina da India era o mais fino que appadotado cercado bordado de altura recor-de pampanos; modelava ad-



Sua Magestade a rainha sr.^a D. Maria Pia em 1860



Um elegante:
O actor
Epiphanyo



Francisco da Silva Carvalho
1846



1—A infanta D. Maria Anna em 1859
2—As modas masculinas em 1840

pirito de afinco ao velho regimen não largavam o calção que a cõrte de França quizera pôr de novo em uso. Os officiaes de Beresford riam nos bailes do pateo de Saldanha e as mulheres, na sua teima, ligeiramente modificavam os costumes do imperio que lhes punham em destaque a belleza e lhes descobriam as carnes mimosas. A politica não tinha que vêr com ellas e os mais ferozes despotas da regencia deixavam-se perder por aquellas perfeições sahindo dos vestidos.

Em 1820 usa-se ainda o peito e as espaldas nuas mas o decote é mais honesto; apparecem as mulheres com uns pequenos colletes de côres vivas e com as saias claras com barras vermelhas sendo tambem discreto o uso das joias, limitado a simples collares de saphiras. As cabeças eram cobertas por chapéus de telha onde floriam as rosas e os hombros começavam a tapar-se com mantelletes de rendas pretas. Mas surge desde logo a reacção; os gorros emplumados do imperio teem voga, os braços começam a desvelar-se até que ao cabo de oito annos se põem em moda os ves-

camapheus, como nas ancas, nas espaldas, no peito e nas mangas pregueadas e curtas. Por cima dos seios nevados que pareciam querer saltar do decote uma fita larga a meio da qual havia uma grande pedra antiga.

Foi assim que a príncipe se apresentou n'um baile em casa da mãe da futura duquesa de Abrantes. Em 1814 havia já um ar militar nos trajos femininos. Os homens quasi todos envergavam o uniforme; Estava-se em plena loucura guerreira. Era vêr as luvás altas, os vestidos direitos, os chapéus altos emplumados como os do estado-maior. Caiu estrondosamente o imperio. A moda que tivera tanto character ia perdel-o. A propria repetição dos usos romanos fôra afogada na phantasia franceza. Agora com o desterro de Napoleão para Santa Helena soffriam mais os costureiros do que a França politica.

DA SAIA DE PERCAL À NOVA SAIA DE BALÃO
DO CALÇÃO À CALÇA COMPRIDA A
GRAVATA DE COSTA CABRAL

As mulheres portuguezas que já se tinham habituado ás modas francezas continuaram a segui-las. Os homens eram mais renitentes; no seu es-



tidos afogados. Já a influencia religiosa voltava a exercer-se em Portugal e as mulheres apparecem com as suas saias compridas mal deixando advinhar os sapatinhos de seda ligados ao tornozello com fitas como sandalias; as romeirinhas engommadas pou-sam nos seus hombros e os chapéus são d'abas com largos laços pendentes deitados para traz a deixarem vêr os cabellos muito encanudados que começavam a substituir os penteados magníficos do imperio. As côres tornam-se tambem pesadas e as romeiras vão crescendo, chegam quasi á cinta o que lhes dá um ar estranho.

Mas ao acordar da liberdade, ao implantar-se o regimen burguez de 1830 apparecem com as cantigas me-nifulas o chale e o chapéu de palha d'arroz. O decote resurgiu para os vestidos de baile e os penteados tiveram tal desenvolvimento que recordavam os do tempo de Maria Antonietta sendo ornados por flores vivas, fitas e laçarotes. São os percaes claros nas vestes, os laços d'uma côr só nos cabellos que se repartem em bandós encanudados ao lado ou cahidos em cachos como usava a sr.^a D. Maria da Gloria ao entrar em Portu-gal para tomar o logar conquistado por seu vestidos claros com suas continuam durante men de guarda nacional e gaudios burguezes. Nos bailes e reuniões cantavam-se modinhas romanticas; começa o predomínio do commerciante e começa tambem a simplicidade do trajó. Quasi não se usam joias. Os homens largaram os calções em homenagem á liberdade que o sr. D. Pe-



1—A duquesa de Montpensier em 1830

dro IV dizia trazer nas dobras do seu capote militar e com pequenas variações assim continua a moda até a 1840.

Apparecem então novamente em França as grandes elegantes a que chamam *Leões*. Eram creaturas esturdias, que atiravam ao alvo e fumavam o seu cigarro. Repontavam contra dez annos de hypocrisia na politica e no trajó. Usavam uma especie de capotas de taffetas cobertas de sêda e de *crepelisse* ou uns *bonets* ligeiros, vaporosos com cachos de flores ao lado e tambem chapéus de palha de Florença com plumas d'avestruz ou de marabut, tulipas e roas. De verão revestem-se de precale ou de *barege*, de musselina com grandes desenhos brancos reahindo nos

fundos côr de rosa. As joias eram de esmalte verde e perolas, ao pescoço cordões tambem de perolas que vinham cair na cintura. Entre nós harmonisou-se esse trajó á replantação d'um meio larguissimo para um recanto onde ainda mal despontára o verdadeiro gosto. Os homens faziam sacrificios á moda, as calças eram justas á perna, as gravatas enormes e altas, tão altas que referindo-se ao primeiro ministro portuguez alguém escrevera em França: *Mr. Costa Cabral dans sa cravate*, o que mostra o exaggero com que taes adornos eram emquanto se reprimiam os femeninos. Foi tambem a epo-brandeburgos nos casacos e nas capas dos homens, mas o supremo luxo foi a casaca com seus botões

usados vestidos ca dos



2—A moda em 1821. 3—A moda em 1835



para logo serem enfolhadas até á cintura.

Tambem se usam os regalos de arminho com as suas borlas pendentes, grinaldas para a frente, o *bouquet* torna-se moda e jamais uma elegante se atreveria a sair sem o levar. E' o tempo da linguagem das flores; os ramos são symbolos que falam d'amôr, que dizem as horas a que se pode conceder a entrevista e falam uma linguagem, por vezes, que a ser comprehendida faria com que os *moscardos* assalariados pelos Cabraes deitassem as feias unhas a alguns corpos gentis em no-



me da moral ultrajada. Os balões começam a ser exagero e diz-se que certo conspirador muito vigiado conseguiu sair de Lisboa deitado no fundo da sege e debaixo do balão d'uma condessa elegante que assim o salvou das iras do homem contra quem se levantava a Maria da Fonte no norte com seu chapéu braguez, sua saia curta e as mãos armadas para o que desse e viesse. Assim terminou um outro periodo das modas, porque o golpe d'Estado de 1852 em França devia ter sobre ellas quasi tanta influencia como a aurora

do primeiro imperio. Napoleão III ia tambem enriquecer as costureiras.

O JANOTA ♣ O REGIMEN DA CRINOLINE ♣ NO FIM DO REGABOFE

Já anteriormente Garrett fizera de Petronio passeando-se nas ruas de Lisboa com os seus trajos ao gosto da epoca, n'um exagero que o tornava precioso, e como lhe faltassem dotes physicos para poder luzir-se pomposamente, entrára a servir-se do artificio que o tornaria um banal *estoiradinho* se não fosse a sua obra de escriptor. Era o espartilho a cingir-lhe o busto, o algodão emplastrando-lhe as barrigas das pernas com uma habilidade de archeiro magrizella, as cabelleiras posticas que ia substituindo de menores para maiores á medida que o tempo passava, dizendo n'um ar notorio: — «Isto já precisa ir á poda!... Está precisado!...» No dia seguinte apparecia curta a cabelleira e Garrett rejubilava julgando lograr os outros. Tambem o conde de Farrobo contribuia para o exagero das modas, arranjando as suas festas maravilhosas onde homens e mulheres aprendiam o bom gosto,



1 — A rainha D. Estephania
2 — Garrett, o supremo elegante od trajo e da prosa — 1852

onde iam embeber-se na civilização e no requinte. Desde logo, com taes mestres, começou a existir o janota que vivia pelos cafés em opposição ao fidalgo toureiro que levava a existência pelos tascos e a differença entre ambos os typos era primordial, porque enquanto um se comprazia em vestir as boas casacas, collocando-lhe por cima as capas curtas com capuz e alamares, calça preta, o chapéu alto de abas, que se modificavam de dia para dia, o outro mettia-se na jaqueta de panno azul, conservava o sapato de meia prateleira com as suas esporas de latão e na cabeça o chapéu desabado que o equiparava a ciganos e a alquiladores.

A porta dos cafés a mocidade dourada fazia as suas arruaças, nas esperas de gado estilhaçava seges, os toureiros fidalgos e as meninas iam ás missas com as suas saias de percal de fundos claros, esquecidas já do azul e branco do tempo do constitucionalismo embryonario, seguidas por matronas de capote e lenço engommado, que lhes auxiliavam o namoro como na epoca da capa vermelha da invasão franceza. Ca-



1—As modas em 1839
2—Um elegante de 1840



potes custosos de oito e dez moedas pendiam dos hombros das burquezas e depois das mulheres do povo que as lançavam sob as patas da montada do marechal Saldanha quando após as sarrafuscas de Coimbra elle foi ás Necessidades fazer chorar a rainha ao som do vozear da população que lhe chamava D. João VII.

Mas tudo isso desaparecia com o caminhar do segundo imperio — o baixo imperio — em que começou a orgia e o novo exagero dos decotes. As cortezãs passeavam cobertas de joias, as saias com tres rodas de folhos, os seios descobertos, os cabellos em tranças na nuca com flôres entrançadas n'uma imitação das mulheres da corte, que começavam a usal-as n'um preto aos habitos hespanhoes de Eugenia de Montijo tornada imperatriz.

A Paiva, que arruinou tanta gente e casára com um rico portuguez do Porto, deu brado em Paris com as suas saias de tres rodas, a capota na cabecita leviana, os manteletes de rendas caras, depois as touquinhas leves atadas sob o queixo impertinente e bonito. No anno de 1850 os vestidos tem como feitos de sinos estreitos em cima, campanulados em baixo, ajustados ao centro com barbas de baleia, agora já muito longe dos trajos á Virgem, a Pompadour e á Watteau, que tambem tinham feito as

delicias do começo do imperio quando reinava a cinolina que campanulava as saias das elegantes. La acabar o regabafe imperial. As mulheres tornavam a usar os vestidos agarrados sensualmente ao corpo modelando as formas e os homens ves-

com a approximação da guerra que tantas fortunas subvertiria.

D'ahi por diante as modas foram mais ou menos repetições de cousas antigas, umas sem caracter sem caracter tylos, outras cadadas; os chasenhoras fo-

vezes definido, nea de esmais marpés das rampeque-



1893

1894

—El-Rei D. Fernando, um artista elegante— 1850 (Cluché BOZONNE)

tiam-se n'uma pretensão aprendida com Morny, o primeiro ministro de Napoleão e seu irmão bastardo, que era o supremo elegante, como em Portugal era aquelle formoso duque de Loulé, casado com a infanta, louca de paixão pelo seu rosto bello e pela sua elegancia discreta.

O tempo de D. Pedro V foi pouco para modas. O rei era sorumbatico, vestia quasi sempre á militar, com a lista das calças desaguetadamente dirigida para o bico da bota, tudo por não querer mudar de alfaiate.

Entretanto em França ia-se usando o *visite*; os trajos pesados de velludo, as cousas severas

nos como toucas do tempo do imperio como depois seriam enormes como sombreros frondistas. Apareceu a *lournure* degeitosa, a polaca sem graça, resuscitou o visite pesado, o mantelete de franjas e os homens deixaram a sobrecasaca e a casaca de

rigor pelo jaquetão. Morreu o *robe de chambre* durante annos. Em Portugal o janota,

1888

Colação, filho da viscondessa de Condeixa, apparecia desdenhoso e como se o Eça

— outro elegante do seu tempo, como Ramalho Ortigão, que ainda o é com o marquez de Soveral — tivesse copiado d'elle a linha de *Basilio*. Vestia rigorosamente á franceza, dava brado mesmo em Paris com as suas *toilettes*, e ao pisar o torrão da península deixava descair trocistamente o labio e volteando pomposamente em torno dos elegantes nacionaes, mostrava-lhes como era um modelo parisiense. Deante de uma carruagem luxuosa que lhe mostravam, analysava-a rorria e deitava o seu juizo:

— E' linda, mas falta-lhe uma coisa... O numero...

Depois de ter passado este diploma carruagem de praça ao trem elegante, Colação ficou grave, sério na sua *toilette* modelar. Ainda na hora a que sentia approximar-se a morte, aquelle parisiense mais de Paris que tinha nascido na grande ci-

janotismo tornou-se banal. Não ha mais janotas, ou antes, dois ou tres, mostraram-se ainda no seu ar triste de figurinos até ao fim do seculo em que as modas foram sendo repetições de tempos idos, impondo-se agora de golas á Catharina de Medicis, logo os colleirinhos á Henrique IV, n'uma vaga transformação, deversa falha de originalidade, até se ir caíndo em cousas mais recentes, mas que nem sempre dizem bem ás nossas mulheres.

A moda do seculo passado, como a de sempre, é uma dictadora implacavel, e n'esse periodo de tantas transformações e de conquistas politicas, não houve ninguem capaz de a' abater n'uma funda revolta exclamando: «A moda é o que me ficar bem!» E n'es-



Os Vencidos da Vida

1—Eça de Queiroz em 1888. 2—O sr. Soveral em 1888
3—O sr. Ramalho Ortigão em 1888
(Clichés da phot. BOSONI)

dade, pediu que o levassem para lá e como a mãe chorasse e lhe perguntasse se não estava aqui bem, ao pé dos seus, o supremo elegante, esse attico janota, respondeu: — Não, mamã, aqui não sabem embalsamar!

Era um estoico com o gosto do bello, um romantico no seu desdem, como aquelle Jorge Arthur do tempo das gravatas de dois andares e de que

nos fala Camillo. Após os *Vencidos*, onde Ramalho, Soveral, Eça e Mayer, mostravam a sua elegancia, e onde Junqueiro era o mais modesto no trajar, já na aurora de futuros democraticos, o

ta ordem de idéas cada um vestindo-se á sua feição, demoliria a tyrannia, peor que a de Napoleão, o homem que começando sem um casaco acabou por ter nos hombros o mais bello manto do seculo XIX.

E assim como por um capricho da fortuna Napoleão conseguiu chegar de simples tenente a imperador, tambem a sua casaca rapada se tornou no legendario casaco pardo que todo o mundo conheceu e o seu chapéo velho evoluiu até ser o celebre tricorne d'Austerlitz. A moda pôz então os olhos n'elle para o abandonar no dia da queda, porque ella é ingrata como todas as tyrannias.

Madame O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physiologista da Europa



Brouillard

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromanetas, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lumbroso, d'Arpigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predizoa a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

De consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

Consultas a 1\$000 rs. 2\$500 e 5\$000 rs.

Rua do Carmo, 43, sobre-loja—LISBOA

GRATIS
125 machinas
fallantes



De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas modelos de 1909. Remettem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilha de 25 réis á **CASA SIMPLEX BICYCLETES**, Rua do Arroio, 48 e Rua de Santo Anião, 32 e 34—LISBOA

DISCOS E MACHINAS FALLANTES, de J. Castello Branco, Rua do Arroio, 48 e Rua de Santo Anião, 32 e 34—LISBOA



Academia allemã para engenheiros

Uismar a. d. Ostsee, para engenheiros machinistas e electricistas, architectos e engenheiros de obras.

D'aqui e d'alli

Entre a quantidade immensa de cartas de agradecimento que receberam os srs. Champigny & C.ª pela remessa do Dentol, etemos al uns trechos d'ellas:

—Tenho a dizer-lhes que minha mulher está encantadissima o que ella ha de ter sempre Dentol em cima de seu toucador.

(Assignado): E. Benet.—Havre.—
—Só me servirl agora d'este producto que é perfeito.

(Assignado): A. de Carlussal. Tenente de c. adores.

—Acho o Dentol superior a todos os outros dentifricos que tenho experimentado.

(Assignado): Chelli. Hotel Metropolitano, rua Cambon, n.º 8, Paris.



O TENENTE A. DE CARLUSSAL

O Dentol (agua, pasta e pó) é, com effeito, um dentifricio soberanamente antiseptico (como) tambem tem um effecto agradabilissimo.

Creado conforme os trabalhos de Pasteur, elle mata todos os microbios ruins da bocca; tambem impede e cura com certeza a carie dos dentes, as inflamações das gengivas e as doenças da garganta. Em poucos dias, faz os dentes alvos, brilhantes e destroe o tar ar. Deixa na bocca uma sensação de frescura deliciosa e persistente.

Empregado puro em algodão, calma instantaneamente as raivas de dentes por mais violentas que sejam.

LISBOA:

- J. P. Bastos, droguita, R. Augusta, 39.
- Pires Tavares, sr. Marius LATHÉLIZE, agente Pimentel & Quintans, R. da Prata, 198.
- Balsemão, «Farmaria, R. da Conceição.
- Thomas Mendonça & Filhos, perfumaria, Calçada do Combro, 11.
- Criber, perfumaria, R. Aurea, 130.
- José Alexandre, artigos de Paris, R. Garrett.

PORTO:

- Rodrigues Irmãos, droguitas, R. das Flores, 153 a 157.
- Lima & Ramos, Largo dos Lays, 36.
- Almeida & Leão, Rua Moninho da Silveira e em todas as boas casas que vendem a perfumaria.

Brinde aos nossos leitores.—Basta mandar ao sr. Marius LATHÉLIZE, agente geral do DENTOL em Portugal, Praça c.º Restauradores, Lisboa, 100 réis em sellos do correio, recommendando-se de... (indicar aqui o nome do jornal)... para receber franco de porte pelo correio **uma linda caixainha** com um vidrinho de Dentol, uma caixa de Pasta Dentol e uma outra de Pó Dentol.

Para encadernar a Illustração Portugueza

Já estão á venda muitas copias em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'illustração da **Illustração Portugueza**. **PREÇO 360 REIS.** Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia não ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada copia vai acompanhada do indice e frontispicios respectivos.

Administracão do SEUOL—Lisboa

Companhia do 270, R. da Princeza, 276
****** LISBOA ******

49, R. Passos Manuel, 51 **Papel do Prado**
******* PORTO *******

Installadas para uma produção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrefreinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzá), Valle Maior (Albergaria a Velha).

Tem em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórma.

Endr. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO Numero telephonico: 308
PRADO — PORTO — LISBOA

HEMORROIDAS
CURAM-SE COM OS
SUPPOSITARIOS
ADRENO-STYPTICOS
MIDY

EM 20 DIAS CURA RADICAL e INFALLIVEL ANEMIA CÖRES PALLIDAS CHLOROSE, CONVALESCENÇA PELO Elixir de S. Vicente de Paula

Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GENAL. CURIEL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15. 1.ª LISBOA 1500 réis o frasco franco porte em todo Portugal P.º OILLE, Turz, 2, Faub S. Denis, P.ª 18

GRAPE-NUTS

O alimento por excellencia para todas as classes sociaes

RICOS E POBRES  **Grape-Nuts**

Grande reconstituente, sendo a melhor das refeições.

PREÇO: Lata, 380; pacote, 300 réis.

A' venda em todas as mercearias. Desconto aos revendedores.

Concurso de 1909

O SECULO

Organisou para o anno de 1909 um novo concurso, cuja importancia e simplicidade são superiores em tudo ás dos concursos anteriores

EIS O PLANO DA IMPORTANTE DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS:

| | | |
|------------------|-------------------|----------------|
| 1 DE | 5:000\$000 | EM INSCRIPÇÕES |
| 3 DE | 2:500\$000 | " " |
| 4 DE | 500\$000 | " " |
| 10 DE | 200\$000 | " " |
| 10 DE | 100\$000 | " " |
| 50 DE | 20\$000 | EM DINHEIRO |
| 100 DE | 10\$000 | " " |
| 350 DE | 5\$000 | " " |

Além dos premios descriptos haverá mais

4:000 PREMIOS

REPRESENTADOS POR OBJECTOS DA MAIOR UTILIDADE PARA TODA A GENTE

Total 4:528 Premios

Esta distribuição deverá realizar-se no fim de 1909; será publica e presidida por commerciantes, industriaes, artistas e pela auctoridade civil.

Mais outro pedaço de um **TUDO** que vos dará a felicidade futura. Collocae-o na vossa caderneta de coupons e tereis alcançado meio caminho para a fortuna

